

Papa Francisco: um pecador perdoado

26/09/2013

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Quem leu a longa entrevista concedida pelo Papa Francisco, publicada ao mesmo tempo em várias revistas da Companhia de Jesus, teve a graça de saborear as palavras de um homem autêntico e apaixonado por sua missão.

Cada um e cada uma terá tido suas preferências ao longo da entrevista, terá gostado mais deste ou daquele trecho, terá se sentido tocado por uma ou outra afirmação do Pontífice. Aqui gostaria de comentar um trecho específico que me tocou muito de perto.

Perguntado por sua identidade e pela autoconcepção que tem de si próprio com a frase: "Quem é Jorge Mario Bergoglio?", o Papa respondeu: "Eu sou um pecador. Esta é a melhor definição. E não é um modo de dizer, uma figura de linguagem. Sou um pecador." Não deixa de ser surpreendente um homem a quem todos chamam de Sua Santidade ter a coragem e a humildade de definir-se pelo pecado que compartilha com todo o resto da humanidade.

E continuou na mesma linha: "Sou um pecador para quem o Senhor olhou. Sou alguém que é olhado pelo Senhor. A minha divisa, *Miserando atque eligendo*, senti-a sempre como muito verdadeira para mim." Aí o Papa Francisco avança, com a simplicidade que lhe é característica, para o coração do que é a vida cristã. Ser um pecador que se sabe perdoado, que se sabe vivo pela misericórdia do Senhor, que é sempre maior do que o pecado que possa desviar-nos do bem que desejamos e conduzir-nos ao mal que não queremos.

Fala aí o Papa, certamente, porém mais ainda o jesuíta, formado na escola dos Exercícios de Santo Inácio. Pois é exatamente o que esta experiência espiritual provoca e estimula no exercitante: apalpar toda a extensão do próprio pecado e sentir que este não lhe tira a vida, nem a capacidade de amar. Mas pela misericórdia de Deus, que o olha com compaixão e perdão, é chamado a ser servidor do Reino e da missão de Cristo.

Depois, com extrema candura, o Papa narrou sua vocação. O desejo estava ali, latente, no jovem argentino descendente de imigrantes italianos do Piemonte. Queria algo mais. Até que o Senhor o olhou nos olhos enquanto ele estava atrás de sua banca de impostos, agarrado ao dinheiro como Mateus, o publicano. Descreve com humor e vivacidade sua resistência. Agarrado ao dinheiro que dizia ser seu, repetia interiormente: "Não, não eu. Não posso deixar esse dinheiro que é meu".

É claro que o dinheiro não precisa ser simplesmente o que denominamos vil metal. Pode ser mil coisas mais: prestígio, poder, arrogância, soberba. Mas sempre, sempre, será um apego que trava nossa

caminhada e a totalidade de nossa entrega ao Senhor e ao serviço do Reino. Francisco sentiu essa resistência, fruto do seu pecado. E sentiu mais ainda a força da misericórdia do Senhor, que o olhou e venceu seu medo e apego. E assim começou sua vida na Companhia de Jesus, que o levou por muitos caminhos até o Vaticano.

É fantástico, porém, perceber que o mesmo foi sentido por Francisco ao ser eleito Papa e perguntado se aceitava a eleição. Respondeu: "Sou pecador, mas confiante na misericórdia e na paciência infinitas de Nosso Senhor Jesus Cristo, confundido e em espírito de penitência, aceito."

Agora não havia mais a resistência primária dos tempos da juventude. A entrega da vida já fora feita. Mas como se trata de uma entrega que nunca termina de ser feita, Francisco teve que responder mais uma vez ao Senhor, entre surpreendido e algo temeroso. Aceitava porque sabia que a misericórdia divina é maior do que o pecado que constitui nossa mais profunda identidade.

E, por isso, somos pecadores, mas pecadores perdoados. Não pecadores condenados, pecadores torturados por uma culpa interminável que nos angustia e envenena. Pecadores que sentem paz e alegria ao ver que o Senhor supera nosso pecado com uma superabundante misericórdia. Aos que se perguntam qual o segredo da perene e serena alegria do papa Francisco, que seduz e encanta jovens e anciãos, crianças e adultos, aí está: a consciência realística de ser pecador, mas um pecador perdoado, que experimentou a força da misericórdia do Senhor que o olhou com amor e o chamou a seu serviço. Assim, não há lugar para medo, mas apenas para uma entrega sempre maior e mais plena.